



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal O Estado de S. Paulo

Palácio do Planalto, 23 de agosto de 2007

Jornalista: Presidente, o primeiro bloco que a gente está propondo é sobre o ambiente pré-congresso do PT. Vai ter o congresso do PT agora, no final do mês, no início de setembro. Verinha, vamos abrir isso.

Presidente: É a especialidade da Vera, o PT.

Jornalista: Presidente, o senhor mesmo já pediu aos partidos que compõem o governo de coalizão, a base aliada, para se entenderem em relação às próximas eleições, não só em relação às eleições municipais de 2008, como as de 2010. Disse que o ideal seria ter um candidato único da base, até mesmo em 2010, já que o PT não tem candidato natural. Chegou a mencionar a possibilidade de dar apoio a Ciro Gomes, chegou a falar também em Aécio Neves, mas o PT, no seu 3º congresso, vai destacar a necessidade de ter um candidato próprio na sua sucessão. Como resolver esse imbróglio?

Presidente: Primeiro eu não cito nomes, nem Ciro, nem Aécio, nem Franklin Martins, nem ninguém. O que eu acho é que seria prudente que nós aprendêssemos algumas lições que a vida nos ensina. Muitas vezes, a disputa se dá por interesse pessoal de um indivíduo que quer marcar posição, sendo candidato a alguma coisa. Se ele tem sucesso, ótimo. Se ele não tem, todos ficam com o prejuízo de uma derrota eleitoral.

Eu tenho ponderado aos presidentes dos partidos da base que seria importante que eles conversassem e começassem a mapear a possibilidade de aliança política nas prefeituras das capitais e nas cidades mais importantes do



País. Às vezes, as direções não conversam e, se elas não conversam antecipadamente, elas permitem que o jogo e o interesse eminentemente municipal de uma cidade determine, que às vezes a política local determine o conflito nacional. Então, nós deveríamos tentar. Onde é possível construir aliança política para disputar, por exemplo, em 2008? Onde é possível ter candidaturas próprias? Esse gesto pode facilitar a candidatura em 2010.

Obviamente que quem tem uma base heterogênea como nós temos, e qualquer presidente constrói uma base heterogênea por causa da realidade política brasileira, como é possível construir uma unidade para escolher um candidato para enfrentar os adversários, em 2010? Obviamente que eu não penso nisso fora de hora. Eu só vou pensar nisso no momento certo, mas eu trabalho com a convicção de que a base do partido tenha um candidato próprio à Presidência da República, porque não é uma eleição pequena, é uma eleição que envolve a candidatura a presidente e a vice, envolve a candidatura de 27 governadores de estado, envolve a candidatura de 54 senadores. Portanto, tem cargo para todo mundo disputar, tem possibilidade para todo mundo.

Jornalista: A base aliada, que o senhor falou, que não seja necessariamente do PT.

Presidente: Se a gente tiver juízo, a gente constrói essa candidatura. Ora, ser do PT ou não ser do PT é um problema que o PT vai ter que decidir, se vai ter candidato próprio ou não. Eu acho pouco provável que um partido do tamanho do PT decida não ter candidato. É pouco provável. Como é bastante provável que todos os outros partidos apresentem a possibilidade de ter candidato.

Jornalista: O que o senhor está dizendo, então, é que seria bom que o PT, independente do congresso, não fechasse portas?



Presidente: Seria importante que o PT estivesse disposto a conversar e que a gente construísse a possibilidade de ter uma candidatura única da base. Cada partido político tem o direito de apresentar uma candidatura ou duas candidaturas. Ora, na hora em que a gente pegar todas essas apresentações, nós teremos condições de fazer análises, fazer avaliações, fazer prospecções para saber quem é que deve ser o candidato com possibilidade de ganhar.

Jornalista: Independentemente da quantidade de candidatos do PT para tirar isso, o senhor acha que depois tem que discutir?

Presidente: Eu acho que nós vamos ter que discutir, dentro da base, quem será o candidato da base.

Jornalista: Isso não é determinante agora, no Congresso?

Presidente: Eu vou repetir: o PT pode decidir ter candidatura própria, o PMDB pode decidir ter candidatura própria, o PDT pode decidir, o PSB pode decidir, e assim por diante. Na hora em que nós tivermos todos esses nomes, vamos começar a discutir, vamos fazer projeções, vamos fazer pesquisa, vamos fazer análise para saber qual deles tem melhores condições de ser candidato. Eu trabalho com a hipótese de uma candidatura única da base do governo. Por quê? Porque se tiver duas candidaturas, a posição do presidente já fica delicada para entrar em campanha. Se tiver três, fica mais delicada, se tiver quatro, então, fica muito mais delicada. Ora, tudo vai depender de como o governo chegará ao final do seu mandato. Nós já tivemos, na história do Brasil, presidentes da República que chegaram ao final do mandato e nenhum candidato queria que ele subisse no palanque. Bom, se os candidatos não querem que o presidente suba no palanque, menos mal para o presidente.



Jornalista: Mas isso não foi na história da República, recentemente.

Presidente: Agora, eu quero chegar forte ao final do meu mandato, para ter incidência no processo sucessório. Eu não ficarei neutro, tenho posição política, tenho partido, tenho intenção de construir uma candidatura única da base aliada, vou trabalhar para isso e quero subir em um palanque.

Jornalista: Da mesma forma como o senhor hoje, como presidente da República diz: “olha, o ideal é que tenha um candidato único da base”, o senhor já perdeu três eleições, ganhou duas, é um presidente com altíssima popularidade. O senhor tem uma noção, para 2010, do que seria um candidato ideal? Que perfil teria um candidato ideal para suceder o senhor, depois dessa herança de um presidente muito popular?

Presidente: Eu penso que o candidato ideal é aquele que defina, para a sociedade, a continuidade de uma política que nós estamos plantando agora. O que nós estamos plantando para o Brasil, possivelmente, nem nós mesmos ainda nos demos conta da importância. Mas quando a gente resolve assumir o compromisso de colocar 504 bilhões de reais para produzir a melhoria na vida dos brasileiros até 2010, isso vai formar uma carteira de obras no Brasil, de melhorias no Brasil. Se você não deixar isso parar mais, você tem a chance, em pouco tempo, de dar ao Brasil todo o melhoramento que o Brasil precisa, desde saneamento básico até gasodutos, portos, aeroportos e as rodovias de que precisa. O que precisa é que isso tenha continuidade, sobretudo, as políticas sociais. As políticas sociais, se você truncá-las em algum momento, elas perdem a eficácia que teriam se continuassem, todo ano, aumentando um pouquinho, até consolidar um país com uma classe média forte e com uma classe média baixa, mas com poder de sobrevivência com dignidade. Essa combinação é que vai transformar o Brasil num país definitivamente justo para



a sua sociedade. E eu acredito nisso, porque eu vejo com os meus próprios olhos.

Jornalista: Combinação de classe média forte com classe baixa...

Presidente: Você tem uma classe média que, hoje, nem precisa do governo. É uma classe média que tem como sobreviver, é uma classe média que tem como estudar, é uma classe média que tem um poder de compra razoável. Se você não atrapalhar a vida dessa classe média e ajudar aqueles de classe média baixa a subirem um degrau, você estará construindo um padrão de país justo neste mundo.

Por tudo que eu conheço de movimento social no Brasil, nós nunca estivemos tão próximos de atingir esse estágio. Se a economia continuar crescendo 5%, se a gente continuar com uma forte política social, tentando atender sempre dos mais carentes para os menos carentes, se fizermos os investimentos na educação que é preciso fazer, que é a base fundamental para consolidar o crescimento do Brasil, estaremos criando o país que todos nós sonhamos, que é o que nós queremos. Um brasileiro que possa comprar um jornal, um brasileiro que possa ter acesso a bens materiais, um brasileiro que possa viajar, um brasileiro que possa criar a sua família com dignidade. Esse mundo está próximo de ser construído aqui no Brasil.

Jornalista: O senhor gostaria de entregar o governo para uma mulher?

Presidente: Olha, as mulheres estão em ascensão.

Jornalista: Mas uma Dilma, uma Marta?



Presidente: Eu acho que se a Cristina Kirchner ganhar as eleições na Argentina, se a Hillary Clinton ganhar as eleições nos Estados Unidos, nós vamos ter uma onda do sexo forte disputando as eleições.

Jornalista: Saias na Presidência.

Presidente: Agora, por que eu evito ficar citando nomes? Porque em política, quando você cita um nome com antecedência, na verdade, você o está “queimando”. Primeiro, você “queima” internamente, com os possíveis pré-candidatos, depois você “queima” na base, com o candidato de outro partido político, depois os adversários e a imprensa colocam uma flecha direcionada para ele, 24 horas por dia. Eu penso que é importante manter sob segredo de Estado.

Jornalista: Quer dizer que tem preferência?

Presidente: Eu não tenho preferência, eu acho que é possível e acho que o Brasil...

Jornalista: É possível o quê?

Presidente: Ter uma mulher como candidata a presidente. Agora, tudo isso é muito cedo e, depois, eu conheço a alma humana. Se a gente ficar dizendo que vai ser o Lula ou o Franklin candidato, a mosca azul pode pousar na testa da pessoa e a pessoa pode começar a se descredenciar para cumprir aquela função.

Jornalista: E o ministro Jobim? Porque agora está causando uma ciúmeira ali.



Presidente: Não tem ciúmeira. O Jobim é uma figura importante da República. O Jobim foi deputado Constituinte, é um jurista importante, foi presidente da Suprema Corte, é um quadro político engajado. Todo mundo sabe que eu discuti com o PMDB antes das eleições. Acho que o Jobim, hoje, está sendo aproveitado. Eu sempre acho uma pena que o Brasil tenha quadros importantes que não sejam aproveitados. O Jobim é um quadro que tem sempre que ser levado em consideração, como o Ciro Gomes é um quadro que a gente tem sempre que... olhou para a frente, você tem que ver a cara do Ciro, que é uma figura importante, você tem que ver a cara do Jobim, você tem que ver a cara de outras figuras, de outros partidos políticos, que vão surgir ainda.

Jornalista: Presidente, o ministro Mares Guia assumiu, certa vez, que um homem como o senhor só aparece de 50 em 50 anos. É muita responsabilidade passar essa faixa?

Presidente: É bondade dele, do Walfrido.

Jornalista: Para quem vai ter que passar essa faixa para ter a continuidade?

Presidente: Olhe, quem me acompanha a mais tempo sabe o seguinte: hoje, eu acho que a minha derrota, em 1989, foi boa para mim. Porque em 12 anos de espera, a primeira lição de vida que eu tive quando perdi em 1989, foi firmar a convicção de que as pessoas que governavam o Brasil não conheciam o Brasil. E não conhecem mesmo, porque eu tinha tido experiências anteriores.

Quando você sai de uma capital, desce num aeroporto e vai para um palanque, e sai do palanque, vai para o aeroporto e vai para outra capital, você não conhece o Brasil, aliás, você não conhece as pessoas que estavam no palanque. Foi daí que me surgiu a idéia de fazer as Caravanas, para conhecer a alma do Brasil, para conhecer as entranhas do Brasil. Isso me permitiu



chegar à Presidência com convicções muito fortes daquilo que eu entendia que precisava ser feito no Brasil, sabendo das dificuldades.

Jornalista: E também as frustrações.

Presidente: Obviamente, eu não acredito na palavra “insubstituível”, não existe ninguém que não seja substituído ou que seja imprescindível. Quando um dirigente político começa a pensar que é imprescindível ou insubstituível, começa a nascer um ditadorzinho. Como eu acho que eu só cheguei à Presidência da República por conta da democracia deste País – porque somente a democracia permitiu que um operário metalúrgico, utilizando todos os instrumentos democráticos e vendo as adversidades, pudesse chegar a presidente da República – eu tenho que valorizar isso. Eu, um dia, acreditei que era possível chegar à Presidência da República pelo voto. Não eram poucos os estudiosos que diziam: “é impossível chegar a presidente pelo voto. Você não vai chegar, eles não vão deixar”. Deixaram. Deixaram por quê? Porque o povo se manifestou.

Jornalista: O senhor, que conhece como ninguém o Brasil, ao mesmo tempo, até pela sua última declaração, o PT, ou pelo menos o presidente, o homem político, Luiz Inácio Lula da Silva, também o seu discurso fez toda uma mutação brutal. O presidente Lula de 1989, o candidato de 1989, e o candidato Lula de hoje... Não estou falando isso como preconceito não.

Presidente: Eu sei, eu sei. Você está lembrado quantas vezes eu disse que eu era uma metamorfose ambulante. Se o político não vai se adaptando ao mundo em que ele vive e à realidade em que ele vive, ele vira eminentemente um principista. Na hora em que você quer fazer discurso e dirigir um partido, você pode ser principista, mas na hora em que você governa, você precisa governar,



you do not need to hurt any principle, but you have to know that you have a game that you have to play, many times in moments of grave adversity, and you need to build democracy within this world.

Today I can say, much more tranquil, that one day you will have an idea of what was the year of 2003 in the life of this Country and in my life. When we resolved to increase the surplus to 4,25%, when we had to take that decision of making the fiscal adjustment that we made in 2003, I only had a perspective. What was the perspective? Or we do it now that I have political capital, and I trade the fiscal adjustment that is necessary to be made in Brazil for my political capital, in the perspective of that I am planting a tree that will bear fruit and I recover this political capital, or I do not do it now because I still have the campaign discourse on my head and, when 2004 comes, I cannot do more and, then, I will be just another who passed through the history of Brazil without doing what needed to be done.

Then, I always say the following: today, when I see determined headlines, determined commentators, determined opinionists seeing the American crisis, as something that could... I never was so tranquil in my life. Why? Because I am convinced that we have solidity to secure this Country. The bases are built, the foundation is strong, and I always worked with the following idea: I have a mandate of four years, I do not want to be judged in six months or in a year, I want to be judged in four. The project is being completed in its total structure, and I knew that it would work. It was hard, it was suffering. You do not know what happened in my head, on May 1st of 2004, when I did not have the chance to readjust, you realized that I did not go on May 1st. I did not go because I never was so bitter, personally, as I was on that day.

Jornalista: Em 2004?



Presidente: É. Mas eu acho que valeu a pena fazer o sacrifício. É mais ou menos como quando a gente vai convencer um filho da gente a tomar remédio. Ele não quer, nós sabemos que o remédio é ruim, é amargo, mas você tem que empurrar na boca dele porque é a certeza que você tem de que ele vai sarar. Então, foi assim. Hoje nós estamos vivendo um momento bom e eu ainda continuo preocupado, porque eu acho que o momento é bom se a gente continuar com seriedade. Se a gente perder a seriedade e achar que já pode fazer a farra do boi, nós poderemos quebrar a cara. Tem muita coisa para ser feita no Brasil? Tem muita coisa ainda, mas eu acho que o básico nós construímos, daqui para a frente será mais fácil.

Jornalista: Presidente, duas ou três perguntinhas, só para encerrar um ponto.

Presidente: Vou falar só uma coisa do PT. O que me surpreendeu no PT, foi o PED.

Jornalista: De 2005?

Presidente: Realmente, o PED demonstrou a pujança do PT, porque sair daquela amargura em que o PT estava e colocar 320 mil cidadãos para irem votar, foi uma coisa que me emocionou.

Jornalista: E por falar nisso, o senhor defende no PED a antecipação do processo de eleição direta no PT?

Presidente: Olha, eu penso que a minha geração, no PT, concluiu um trabalho exitoso. Em 20 anos nós fundamos um partido e chegamos à Presidência da República. Eu penso que agora está na hora de ajudar a construir novos



quadros dirigentes para o partido. Eu acho que os que estão na minha idade, apesar de eu me achar novo...

Jornalista: Está na hora de renovação.

Presidente: Eu acho que tudo que nós conquistamos nesse período deve servir de ensinamento para que a gente possa contribuir com uma nova geração que possa assumir a direção do partido.

Jornalista: Alguns partidos dizem que o partido ficou, um pouco, com cara de PMDB. Não PMDB no sentido de grupos regionais e tal, que o partido não tem isso, mas ficou um pouco com cara de “não é mais aquele PT popular”.

Presidente: Mas não é possível as pessoas quererem que o PT de 2007 seja o PT de 1989.

Jornalista: Mas tem gente que quer, não é, Presidente?

Presidente: Mas isso é que é a riqueza da democracia. O que é a riqueza de uma redação de um jornal? O que o chefe gosta de ter? Ele gosta de colocar juntas as pessoas que têm divergências sobre um determinado ponto de vista, e dali consegue tirar uma linha para o jornal. Essa diversidade no PT é que permite que a gente nem vá para a ultra-esquerda, nem vá para a direita. Que você fique numa posição intermediária daquilo que é a política possível de ser colocada em prática, daquilo que é possível estar de acordo com a realidade. Isso é um ponto de equilíbrio importante.

Eu não me preocupo que tenha gente mais à esquerda, gente mais à direita, mais ao centro. O que me preocupa é a combinação dessa disputa toda, no resultado final. Para você fazer um produto, um remédio de qualidade,



you place there various differentiated chemical products, and the sum of them is that gives a result that can cure a disease. This sum of diversity is what gives the PT this good characteristic.

Jornalista: President, you said that a very heterogeneous base is a reality of the political scenario, especially in Brazil. You also said that, when you came to government, you had to adapt, which is natural. Especially the middle class, perhaps, would not be disappointed with you? You wouldn't have your tolerance – adapt is also to tolerate some things –, which happened in your first mandate. This change in discourse was not very radical, didn't shock much? Recently, with Renan going too far, the episode at Maracanã, the population in general would not have deposited in you greater hopes, in the sense of reestablishing ethics in politics? In short, the population would not have liked you to have adapted a little less? This change in discourse was not very radical, didn't shock much?

Presidente: Let's see what happened. First, a big political change happened with the letter to Brazilians, before the 2002 campaign. The Letter to the Brazilian People outlined the type of commitments I had assumed with Brazil, and it was that letter that gave me the victory in 2002. So, my discourse was tailored for Brazilian society in that letter. What was the problem I had, my whole life? I was more or less like the PCI in Italy, which lasted 30 years. I had 35% of the votes and I was missing 15% of the votes to win the elections. That Letter to the Brazilian People, the composition, with José Alencar as vice, were the ingredients we needed to build to get the other 15%. That happened. We got 61%. So, there was no disappointment in the discourse, because the discourse was what gave me the victory.



Depois, eu penso que o que nós fizemos neste País e, possivelmente, ainda temos que fazer mais para os setores médios da sociedade, tem muita gente que tenta criar uma disputa entre o pobre e a classe média, que eu acho que não existe. Eu por exemplo, acho que uma das razões pelas quais a Marta Suplicy perdeu as eleições foi a opção dela de fazer aqueles CEUs no lugar em que ela fez, para privilegiar as camadas mais pobres da população, enquanto setores médios da sociedade que moravam próximos não tinham uma escola da qualidade daquela para colocar os seus filhos. Há um pouco de preconceito.

Eu digo sempre, como exemplo: uma vez, o Ademar de Barros foi construir uma escola de qualidade em Sertãozinho, igual a que tinha em Ribeirão Preto. E a sociedade alta de Ribeirão Preto se manifestou contra, ela não estava perdendo nada, mas não queria que levassem uma escola boa para um lugar que não era nem cidade ainda, era subdistrito de Ribeirão Preto.

Pois bem, nós queremos fazer uma combinação, que eu disse no início para vocês. Olhem, primeiro a questão ética. A história vai se encarregar de mostrar no seu dia-a-dia. Se, antes de mim, todos os governos que passaram tivessem feito 30% do que eu fiz, a gente teria um País muito melhor do ponto de vista ético, do ponto de vista de evitar a corrupção. É só vocês analisarem o que nós fizemos de investimento na Polícia Federal, é só vocês analisarem o que existe de autonomia no Ministério Público brasileiro, é só vocês analisarem a autonomia que tem a Polícia Federal, porque nós acreditamos. É vocês imaginarem o que nós fizemos na Controladoria-Geral. Nós já fiscalizamos 1.261 municípios, todos eles com sorteio, não tem mapeamento ideológico, ou seja, vai, sorteia, quem já acompanhou sabe como é e vai lá. O objetivo não é denunciar, o objetivo é tentar apurar as coisas corretamente e punir. É só vocês pegarem o número de funcionários que nós afastamos, é só vocês pegarem todas essas quadrilhas, 85% delas existiam há 10, 15 anos neste País, e nós estamos desvendando o mistério. Nós sabemos que ainda falta muito por fazer, e vamos fazer. Não há nada que possa obstruir você de chegar



lá, de fazer. Quem andar errado, vai ter que pagar. Quem andar certo, vai ser premiado.

O caso Renan, veja, é um caso típico do Congresso Nacional. O que eu posso fazer como presidente da República? Nada. A não ser torcer para que o Senado resolva aquele problema, e o Senado poderia ter resolvido. O Senado poderia ter resolvido mandar para a Suprema Corte, o Senado poderia ter resolvido mandar para o Ministério Público, o Senado poderia ter tomado uma decisão contra ou a favor.

Jornalista: Mas todo mundo acusa o governo, Presidente, de estar ajudando...

Presidente: Não, todo mundo acusa, não. Algumas pessoas insinuem que o governo está ajudando. O governo não ajuda, até porque não tem como ajudar, mesmo que quisesse.

Jornalista: Mas essa solidariedade que o senhor está prestando a ele, não está causando mais ônus do que bônus ao governo?

Presidente: Não é porque eu não quero, é porque a minha solidariedade será para você, Vera, no dia em que você for injustiçada. Porque na hora em que tiver uma acusação contra você, eu vou te defender até que você seja julgada e condenada.

Jornalista: O senhor considera que ele está sendo injustiçado?

Presidente: Eu acho que não houve julgamento ainda. O que há é um processo de acusação, o que há é um processo de defesa todos os dias. Vai ter que chegar um momento em que vai ter que se decidir: ou decide o Senado ou decide a Suprema Corte. Enquanto não decidir, eu não posso condenar



ninguém. E eu quero que você se sinta feliz que eu seja assim, porque pior será o dia em que eu começar a condenar antecipadamente qualquer pessoa.

Jornalista: Porque a própria Polícia Federal diz que as provas são muito falhas, inconsistentes.

Presidente: Por isso nós pedimos para a Polícia Federal investigar, mas vamos aguardar o resultado.

Jornalista: Agora, sob certos aspectos, Presidente, não há uma espécie de condescendência na política, de um modo geral? Aliás, eu vou usar o caso do Renan bem objetivo: o fato de o presidente do Congresso Nacional, que é presidente do Senado também, portanto, é o chefe do Poder Legislativo, e a República brasileira não... Eu estou colocando tudo, não estou colocando, de forma preconceituosa, se é o presidente, a nação considera normal que o presidente do Poder Legislativo tenha usado um lobista de empreiteira para pagar, seja lá o que for, no plano pessoal. Só o fato de usar isso, já é algo que o presidente do Congresso não pode ficar usando lobista da empreiteira para pagar lá a moça, enfim, isso é coisa pessoal, não vou nem explorar isso. Isso já é quebra de decoro, não tem sentido.

Presidente: Mas vamos ao fato concreto. Você tem uma denúncia de que houve a intermediação de gente para pagar a conta do Renan e você tem a defesa do Renan feita com documentos, correto? Ora, então você tem duas teses. O que é preciso? Ou o Senado assume a responsabilidade de optar por uma, ou isso vai terminar na Suprema Corte que vai ter que, em algum momento, decidir. O que eu não posso, e nem vocês devem, é julgar, pelo seguinte: bom, a parte que está acusando tem mais veracidade do que a parte que está defendendo. Não. Eu acho que as duas partes têm o direito de acusar



e de defender. O Renan tem mostrado os documentos, que eu não sei se são fidedignos ou não. A acusação faz a acusação, que eu também não sei se é fidedigna ou não. Tem que ter um parecer da Polícia Federal, tem que ter parecer do Ministério Público e tem que ir para julgamento. É esse o critério que pode garantir a consolidação do regime democrático brasileiro. Fora disso, é barbárie. Ora, eu posso não gostar de uma coisa que você tenha feito, mas eu não posso, *a priori*, querer que você seja condenado para satisfazer a minha posição. Eu quero que você seja defendido e possa provar se é inocente ou não.

Jornalista: Deixa eu aproveitar esse gancho, Presidente, para perguntar uma coisa. O senhor sempre reclama que a imprensa fala que o governo está no “toma lá dá cá”, que existe um “toma lá, dá cá”, melhor dizendo, entre governo e Congresso. Mas, o que explica o fato de o governo só aprovar, só liberar emendas e distribuir todos esses cargos na hora em que precisa aprovar coisas importantes? Por exemplo: agora, no caso Renan, que existe uma dificuldade grande, CPMF, prorrogação, agora que estão saindo emendas, e o Luiz Paulo Conde para Furnas.

Presidente: Meus companheiros, cada um de nós tem o direito de fazer o juízo de valor que entender que deva ser feito. Nós, todos os anos, colocamos no Orçamento da União uma quantidade de verbas para liberar emendas. Eu acho que as emendas individuais são emendas que têm identidade e, portanto, é a parte mais tranqüila na relação.

Jornalista: Presidente, desculpe, só interrompendo. Na pergunta, não estamos colocando como ilegítimo, é que tem gente que diz assim...



Presidente: Mas eu vou chegar lá. Já em fevereiro de 2005, numa reunião na Granja do Torto, nós deliberamos que as emendas teriam que ser liberadas no máximo três vezes ao ano, independente das coisas que estivessem sendo votadas. Você teria março, julho e agosto para liberar as emendas. Ora, o que acontecia, na verdade? Vocês, que cobrem a política, sabem que toda vez que a gente não libera emenda no tempo certo, sofre um prejuízo político por conta disso, sofre da imprensa, sofre dos deputados. Eu lembro sempre, quando eu ia à porta de fábrica, se passava muito tempo sem ir à porta da fábrica fazer assembleia, quando a gente ia, o peão falava assim: “É, nunca vem aqui, mas agora vem, agora está precisando do meu voto”. O deputado fala a mesma coisa: “É, passou oito meses sem conversar comigo, agora vem”. Então, o que nós decidimos? Isso, desde 2005, e não era possível cumprir, porque precisava fazer superávit primário, se arrochava, no começo do ano, para liberar no final do ano. O que aconteceu? Nós, agora, tomamos a decisão e eu disse ao Guido Mantega, disse ao Walfrido o seguinte: “eu não quero mais ouvir conversa de emendas, faça um calendário para liberar emenda”. Você coloca no Orçamento uma quantidade para emendas e essa coisa tem que sair na normalidade do processo legislativo, sem que a gente discuta com o deputado se a emenda não saiu. As emendas vão sair num tempo determinado. Todo mundo sabe que as emendas vão sair em determinado tempo, tem prazo para tudo e fica todo mundo tranqüilo. É muito mais fácil para você trabalhar e você não fica tendo que ouvir discursos de pessoas dizendo: “É, minha emenda não saiu porque era em fevereiro, já estamos em novembro, já estamos em dezembro”. Aí, chega no final do ano, tem que liberar emenda a toque de caixa. Isso é prejudicial a qualquer governo. E eu acho que essas coisas são corrigidas. O Walfrido tem uma capacidade extraordinária de articular. Esses dias o Walfrido estava dizendo para mim que há uma desconexão entre a vontade que a gente tem de fazer as coisas e os interesses em você não liberar todas as emendas para você fazer superávit, para você fazer caixa, o que é um desatino para nós.



Jornalista: E os cargos, Presidente?

Presidente: Veja, os cargos são cargos naturais de um País que é governado por uma coalizão. Eu duvido que, em algum lugar do mundo, um partido ganhe as eleições e não faça composição para montar os cargos deste País. É só ver o que aconteceu na Alemanha agora, é só ver o que aconteceu na França agora, o Sarkozy tem gente do partido socialista dentro do governo.

Jornalista: Mas, ao mesmo tempo, dentro do seu governo, por exemplo, o ministro Jobim foi lá: a crise área e tal, mexe na Infraero, está tentando acertar a Anac, a Infraero, é exemplo concreto. Aí o senhor vê que ele e o Gaudenzi estão tentando, dentro da possibilidade política, é normal que seja assim, profissionalizar a Infraero. Então, há dias, o Gaudenzi e o ministro, juntos, disseram: “Olha, superintendente regional da Infraero não pode ter cargo de carreira da Infraero, porque é uma coisa de segurança, aeroporto e tal”. Parece uma coisa, o País entende e acha natural, é por aí. Aí, o Luiz Paulo Conde, arquiteto, tudo bem, é político, eu sei, mas, em Furnas?

Presidente: Não tem nenhum problema.

Jornalista: Por quê, Presidente?

Presidente: Não tem nenhum problema. Primeiro, porque o Conde é um homem altamente qualificado para dirigir qualquer coisa neste País. O que é importante é que você seja um político de competência para montar uma equipe extraordinária. Nem todo técnico foi jogador de futebol, como nem todo maestro é obrigado a saber tocar todos os instrumentos da orquestra. Agora, se ele montar com os melhores músicos, ele vai ter uma boa orquestra. Eu não



tenho dúvida nenhuma de que o Conde tem competência para dirigir Furnas como o José Sérgio Gabrielli. Eu lembro quando fui colocar o José Sérgio Gabrielli na Petrobras, o que diziam para mim? “Ele não é do ramo, ele não conhece, ele não é petroleiro, o mercado não vai gostar”. Um ano e meio depois que ele era tesoureiro da Petrobras, ele foi eleito o melhor tesoureiro das empresas petroleiras do mundo. Eu só queria dizer o seguinte, é importante que vocês saibam: em qualquer regime democrático do mundo, em qualquer país do mundo, com qualquer partido do mundo, na hora em que você ganha as eleições numa coalizão, você precisa montar o governo com essa coalizão, porque se não for assim, não tem coalizão.

Jornalista: Eu sei, Presidente, mas a pergunta é por que isso só sai na hora de determinadas votações importantes?

Presidente: Sai na hora que tem que sair, não sai antes e não sai depois. Agora, não é no meu governo, é só vocês pegarem o Estadão de 10 anos atrás, de 15 anos atrás, que vocês vão perceber que escreviam as mesmas coisas: “Governo libera emenda na hora da votação”. Isso é uma coisa crônica no País.

Jornalista: É que a gente tinha uma expectativa de que o PT e o governo petista fosse diferente nesse sentido.

Presidente: Não pode ser. Nós só vamos ser diferentes na medida em que a gente consiga cumprir um calendário, e esse calendário depende de saldo de caixa, depende da arrecadação de cada mês, tem mês em que você pode liberar 100, tem mês em que você pode liberar 500. Isso não é diferente da sua casa, não é diferente da disposição de gastos da sua família, quando você



reúne a família e fala “eu quero 50”, aí você fala “agora só posso dar 20, este mês eu não posso dar nada”.

Jornalista: Lá não tem CPMF e DRU para renovar. Dentro desse pragmatismo, retomando um pouco o gancho que o senhor colocou de se adaptar. No primeiro mandato, teve um fato marcante e, hoje, em votação no Supremo, que colocou aí, para o público, a questão ética, corrupção, fisiologia de uma base para que as coisas funcionassem. Enfim, para o senhor, neste momento aqui, no íntimo, o que ficou desse episódio, definição de ética, corrupção e viabilidade política?

Presidente: Eu acho que ficou o seguinte: quem erra, paga. Todos nós nascemos, crescemos e morremos para fazer coisas boas. Na hora em que a gente atropela essa finalidade da vida humana e comete coisas erradas, você paga. E o que está acontecendo? Houve uma denúncia, essa denúncia foi apurada, no que diz respeito à tramitação dentro do Congresso Nacional; depois foi para o Ministério Público, que fez a sua parte; o Ministério Público pediu o indiciamento; foi para a Suprema Corte, e a Suprema Corte vai decidir se vai acatar ou não o indiciamento. E aí as pessoas serão processadas em função de novas provas, de novas investigações. Ora, tem gente que acha que isso é um trauma. Não para mim. Para mim isso é o canal de desobstrução da democracia brasileira. É como se fosse um cidadão que tem colesterol: na hora em que a veia vai entupindo, você vai mostrando, está fazendo cateterismo, na verdade. Vai doer para alguns, não vai doer para outros.

Jornalista: Quem errou, Presidente?

Presidente: Eu não sei quem errou.



Jornalista: O PT errou?

Presidente: O PT não, o PT não errou. Eu acho que pessoas do PT podem ter errado, o PT não errou.

Jornalista: O José Dirceu?

Presidente: Não me perguntem, eu não sou juiz. Eu acho que quem errou pagará pelo erro que cometeu. O que eu quero para mim, para os meus amigos e para os meus adversários é que todos tenham direito à defesa, que é o que pode consolidar, definitivamente, o regime democrático brasileiro.

Jornalista: Nesse julgamento, Presidente, tem algumas pessoas falando que pode ser o julgamento do seu primeiro mandato. O senhor concorda com isso, o senhor rebate isso?

Presidente: O governo já foi julgado e vitoriosamente.

Jornalista: Agora, o personagem mais importante desse processo, Presidente, é o ex-ministro José Dirceu. Se for aberta uma ação penal contra ele, isso causa um impacto no seu governo, não é? Quais serão as conseqüências? Ele foi chefe da Casa Civil.

Presidente: Vai causar impacto para ele, para o governo, nenhum, causa impacto ao José Dirceu. Eu não conheço os meandros do processo. O que eu sei é que houve um julgamento na Câmara, o José Dirceu fez todas as defesas que tinha que fazer. A coisa está na Suprema Corte, vamos aguardar o resultado. Cada decisão da Suprema Corte vai punir quem for punido.



Jornalista: Presidente Lula, o que é, diante disso que passou, que está agora sendo julgado, isso que o senhor falou, o senhor é um homem com vasta experiência na política, o que é ser ético na política? Hoje, o senhor olhando, o que é ser ético? As pessoas se perguntam: é possível fazer política sem ser corrupto? Eu estou falando do sentimento na rua, as pessoas dizem isso: “ah, mas político é tudo corrupto.” O que o senhor responde para elas? O que é ser ético na política?

Presidente: Primeiro, vamos ter em conta que o político é resultado de um processo eleitoral. Ninguém que está no Congresso Nacional, ninguém, foi indicado aleatoriamente por um outro Poder, ou seja, num determinado dia do ano o povo foi às urnas e votou, escolheu a, b, c ou d, portanto, não se trata da gente, individualmente, gostar de fulano ou de beltrano, trata-se de saber que aquele cidadão, que teve uma quantidade de votos, é deputado federal, é senador. E esse cidadão, portanto, tem um mandato popular para exercer a sua função. Se ele for um bom deputado ou não, nas próximas eleições, outra vez, o povo tem o direito de fazer as mudanças.

O que eu acho que é alguém ser ético, e não precisa ser político não, é a sociedade que tem que ser ética. Ou seja, é a gente agir com correção no nosso comportamento individual, no nosso comportamento público, no nosso comportamento político. E eu estou muito à vontade, porque nesse governo nós criamos todos os mecanismos, sem distinção, e todos funcionam para que a gente possa fazer do País um país ético. E é exatamente pelo que nós fizemos que a Polícia Federal, de vez em quando, desvenda quadrilha, o Ministério Público, de vez em quando, desvenda, a Controladoria-Geral, de vez em quando, denuncia. Porque tudo parecia estar maravilhoso se não houvesse liberdade de investigação, como já tivemos no Brasil, muito tempo.



Jornalista: Presidente, sei que a Vera já dever ter perguntado muito isso para o senhor, mas dentro desse pragmatismo e do que foi chamado pela opinião geral de “mensalão”, o senhor chegou a ter conhecimento de algum indício?

Presidente: Não.

Jornalista: No seu íntimo, houve perplexidade ou frustração?

Presidente: Eu quero ver o resultado do julgamento, eu quero ver o processo. Isso vai terminar um dia. Eu acho determinadas coisas abomináveis, entretanto, eu, como presidente da República, sou obrigado a esperar para ver.

Jornalista: Calado?

Presidente: Veja, eu fico pensando alguém imaginar que o Luizinho, que era líder do governo, precisava receber dinheiro para votar no governo. Agora, como ele pegou 20 mil reais, acho que foi no Banco Rural, ele entrou no mesmo bolo, como entraram outros. Eu acho isso abominável. Entretanto, como eu não posso fazer julgamento, porque não conheço a peça do processo, e isso está numa instância superior, os advogados de acusação vão trabalhar, os de defesa vão trabalhar, e eu quero acatar o resultado.

Jornalista: E o Genoíno, Presidente, o senhor acha que também foi abominável?

Presidente: Mas do que o Genoíno é acusado?

Jornalista: Era presidente do PT.



Presidente: Ah, meu Deus do céu. Olhe, deixem-me falar uma coisa para vocês. Eu, *a priori*, não digo que ninguém é inocente e, *a priori*, não digo que ninguém é culpado. Somente o tempo e o processo vão dizer quem é quem. Eu só espero que os acusados sejam punidos, e aqueles que forem inocentes e que foram acusados previamente, que alguém peça desculpas a eles. É a única coisa que eu peço. Aqueles que foram acusados, que participaram e que fizeram, que sejam condenados. Agora, aqueles que forem inocentes, alguém que acusou, que peça desculpas. A palavra desculpa está fora de moda no Brasil. As pessoas precisam aprender a pedir desculpas quando erram.

Jornalista: A quem o senhor acha que se deve pedir desculpas?

Presidente: Vera, eu não sei a quem se deve pedir desculpas. O que eu acho é que hoje as acusações são feitas de forma muito precipitada, as condenações são feitas de forma muito precipitada, sem que as pessoas aguardem o tempo certo de fazer as investigações. Eu já fui julgado e condenado de forma intempestiva, eu sei o que é isso.

Jornalista: Isso também é uma contribuição do senhor para...

Presidente: Eu sei o que é isso. Por isso, o julgamento é a única possibilidade que nós temos de dar, aos dois lados, à acusação e à defesa. O direito de provar quem estava certo. Fora isso, é execração. E eu, como fui execrado, não posso concordar com isso.

Jornalista: O senhor foi execrado e isso é uma contribuição nova do senhor como presidente da República porque o PT e, em outras épocas, seus líderes, também fizeram acusações e prejulgamentos.



Presidente: Pois é, meu filho. Eu acho que todos nós, seres humanos, pecamos diariamente e, muitas vezes, nos perdoamos diariamente. Se for pegar a vida de vocês 20 anos atrás, certamente não era a de hoje. Nós vamos ficando mais velhos, mais maduros. Eu fui oposição neste Congresso Nacional, na Constituinte. Essa é a coisa importante do aprendizado político: você também vai percebendo o que você fazia de exageros, o que você não fazia, o que você deixou de fazer. O tempo vai se encarregando, porque não adianta você pensar que a tua verdade é absoluta. Quando chega dentro do Congresso Nacional, você precisa de 300 votos, e tem 80, você tem que arrumar 220 votos. E aí, você tem que pedir para outros. Não adianta um cidadão ter 3 milhões de votos e o outro ter 50 mil votos. O que tem 50 mil votos tem o mesmo voto que tem o cidadão que teve 3 milhões. A democracia é boa por isso, gente. Se não fosse assim, se fosse um partido único, em que o presidente da República pudesse chamar a tropa aqui... e eu não quero voltar a esse tempo, quando os governos militares colocavam aquele monte de soldadinhos com o cabelinho bem cortado, dentro do Plenário, para fazer votação. Esse tempo acabou e eu não quero que ele volte nunca mais. Eu quero é viver com esses erros que a democracia permite que a própria sociedade cometa, que os políticos cometam, porque a gente vai consertando.

Jornalista: Agora, quando o senhor remete a isso – até corretamente – a um processo da política, e a gente vê que a reforma política, que tentaram votar, naufragou completamente, o Congresso tentou, e já é a enésima vez que vários governos tentaram. O senhor, no primeiro mandato, falou da reforma política como coisa prioritária, neste segundo mandato eu me lembro que o seu primeiro discurso pontual, ainda no hotel, também tocou no assunto da reforma política. E não aconteceu nada em termos de mudança estrutural dos hábitos da política. Então, as pessoas se perguntam, olham para esse processo – eu não sei se era mensalão, não importa, batizaram de mensalão, está lá no



Supremo – e as pessoas se perguntam: mas é possível fazer política sem caixa 2, sem não sei o quê? Aí, não mudou nada na estrutura da política.

Presidente: Meu caro, se eu tivesse votos...

Jornalista: Presidente, só para terminar. Não demanda que o presidente da República talvez lidere o processo da reforma política? O senhor já tem dito que não, isso é um assunto do Congresso. Só que não muda nada.

Presidente: Eu não posso assumir a responsabilidade dos partidos, não posso assumir a responsabilidade dos líderes, dos deputados e dos senadores. Eu continuo achando que a reforma política é uma necessidade neste País. Eu defendo o financiamento público e o crime inafiançável para quem pegar dinheiro privado. Agora, isso é uma posição minha, que eu não sei se for debater, se vou vencê-la até dentro do PT. Eu, por exemplo, acho que era preciso acabar com a figura do suplente de senador. Um senador foi eleito, não está mais no mandato, o segundo entra. Agora, eu não sei se vai precisar o presidente da República ter um projeto de reforma política. Não é recomendável. Por quê? Porque a reforma política é discutida dentro dos partidos políticos. Eu, por exemplo, todo mundo sabe que eu sou favorável ao voto distrital misto, eu sou favorável à lista.

Jornalista: Eu acho aquela idéia da Constituinte perigosa, porque é possível fazer uma coisa circunscrita para a reforma política constituinte. Constituinte é uma coisa...

Presidente: Eu não sei de que jeito eu queria a reforma política. Agora, fazer a reforma política com as mesmas pessoas que estão lá sendo beneficiadas, eu



acho mais difícil, porque cada partido defende os seus interesses, pensando nas próximas eleições. É errado? Não. É um direito do partido pensar assim.

Jornalista: Então o senhor acha que o ideal seria a convocação dessa Constituinte exclusiva?

Presidente: Não me pergunte, Vera, o que é o ideal. O ideal é que o Congresso Nacional e os partidos políticos decidam fazer uma reforma política.

Jornalista: Deixe-me pular de assunto, Presidente. Se o senhor tivesse voto naquela comissão do Ministério da Justiça, que delibera sobre pensões para vítimas da ditadura do regime militar, o senhor votaria a favor da pensão e indenização para a família do ex-capitão Carlos Lamarca?

Presidente: Eu não conheço o processo. Essa pergunta me conduz a dizer o seguinte: se o Carlos Lamarca foi, pelos critérios estabelecidos pela Comissão, injustiçado, ele tem direito de receber a indenização. Da mesma forma que, se tiver alguém que era governo, que foi injustiçado e está com o pedido, ele também deve receber indenização. Tem uma lei, a lei determina os critérios para as pessoas receberem indenização e todos que foram injustiçados têm direito. Eu não vejo nenhum problema, seja ele o Lamarca, seja ele o Lula. Não tem nenhum problema. É preciso levar em conta se as pessoas estão dentro dos critérios estabelecidos pela Comissão.

Jornalista: A esquerda – e o senhor conviveu com ela na construção do movimento sindical – que na altura do regime militar pegou em armas e ia contra a ditadura, o senhor acha que ela lutava pela democracia que o senhor acha que é tão importante hoje? O senhor acha que ela lutava na época pela



democracia? É que hoje faz-se um discurso genérico de que todo mundo acaba lutando pela democracia.

Presidente: Eles estavam lutando contra um regime autoritário, isso é visível. Se os métodos eram corretos ou não, as circunstâncias políticas diziam que os métodos eram quase os únicos que tinham. Eram todos muito jovens, todos muito entusiastas, isso é próprio do jovem com 20, 25 anos, portanto, eles escolheram um caminho. Não deu certo. Eu me lembro que, naquela época, eu estava dentro da fábrica e eu acho que uma contradição que aconteceu entre aquele período, em que a esquerda fez uma opção pela luta armada, é que nós vivíamos dentro da fábrica um momento de extraordinário crescimento da oferta de emprego. Então, havia essa divergência entre a chamada esquerda organizada, jovens bem-intencionados, que achavam que deveriam derrubar o regime militar e, do outro lado, os trabalhadores vivendo um *boom* na economia, que foi o da década de 70, com o milagre brasileiro, chegando a 1973 com o crescimento de 14,3% na economia. Então, era difícil para o trabalhador entender isso. E também porque essa coisa não chegava ao trabalhador. Essa coisa era muito distante da classe trabalhadora.

Jornalista: Só uma última. O presidente tocou no assunto de que, às vezes, há pessoas que ficam julgando a classe média e a pobre, mas todas as vezes em que há alguma crítica mais estridente ao governo – e agora se reacendeu isso a partir do mensalão – o senhor ontem mesmo recebeu as lideranças do movimento da Marcha das Margaridas. O senhor fez um discurso ali um pouco com esse enfoque de rico, pobre, e agora tem esse movimento do Cansei, que fica fazendo essa contraposição. O senhor, às vezes, faz também esse discurso.



Presidente: Sempre fiz e vou continuar fazendo. Quando eu digo que sou um governo de todos... porque você há de convir: há muitos anos os empresários brasileiros não ganhavam o dinheiro que ganham agora. Pode pegar o setor siderúrgico, pode pegar o setor químico, pode pegar o petróleo, pode pegar o setor do álcool, escolha um setor.

Jornalista: Isso não divide o País entre ricos e pobres?

Presidente: Não divide o País. O País estava dividido antes. O que nós estamos tentando, neste momento, é unificar o País. O que é unificar o País? É que as pessoas estavam acostumadas a ver o Brasil da seguinte forma: tem uma pequena parcela da sociedade, ou mais ou menos metade da sociedade, que conquista a cidadania, e tem a outra metade que nós já damos de barato, que já está marginalizada e não vai ter direito a nada. O que nós fizemos? Primeiro, manter o *status quo* dessa que já tem e, segundo, garantir uma política forte para trazer essa que está fora para dentro do mercado, para dentro da sociedade. É isso que nós estamos fazendo. Vamos ser francos. Durante oito anos, a classe média não teve reajuste na alíquota de imposto de renda. Nós já fizemos dois. Nós já colocamos 360 mil jovens no ProUni, jovens da periferia. Eu estou lembrado que, quando criamos o ProUni, teve uma manchete que dizia o seguinte: “o governo nivela a educação por baixo”. Ou seja, qual era a idéia? Eu estava baixando o nível da universidade. Qual foi o resultado? Nos testes que o Ministério da Educação fez, em 14 áreas, os melhores alunos foram do ProUni. Então, o que está acontecendo é o seguinte: nós estamos levando o Brasil a se transformar num país com menos pobres e mais gente da classe média. Por isso é que nós vamos terminar o mandato, anota aí, eu vou dar um dado para você. Isso é estranho e, possivelmente, muita gente não queira entender.



De 1909, quando Nilo Peçanha criou a primeira escola técnica no Brasil, até 2003, foram criadas, no Brasil, 140 escolas técnicas. Eu vou deixar o País com 314 escolas técnicas. Portanto, eu vou fazer, em oito anos, 164 escolas técnicas, um pouquinho mais, em 8 anos, do que foi feito em 93 anos. Quando a gente inventou o programa Luz para Todos, e nós fomos obrigados a fazer linhas de transmissão, nós fizemos, em quatro anos e meio, 25% de tudo o que foi feito em linhas de transmissão em 125 anos neste País. Então, essas coisas é que começam a fazer a diferença na vida do povo brasileiro. Agora, eu acho que, muitas vezes, essas coisas não são retratadas com a veracidade que precisam ser retratadas. E quando eu falo isso, eu quero dizer para vocês o seguinte: para mim, a liberdade de imprensa foi o que garantiu que eu chegasse à Presidência da República e, por isso, eu a valorizo como ninguém. Qual é a minha tranquilidade? É que hoje você tem uma sociedade mais experimentada. Se o jornal mentir, quem vai dizer que ele mentiu ou não é o leitor, que vai deixar de comprar. Se a televisão mentiu, quem vai desligar é o telespectador, não sou eu. Então, a única razão de sobrevivência, é todos nós sermos os mais sérios possível naquilo que nós fazemos. Fora disso, não tem salvação.

Jornalista: Presidente, com bastante sinceridade, não há um pouco de marketing nisso, quando o senhor diz assim: “As pessoas não querem”. Quem é que não quer, por exemplo, esse bem, isso que o senhor acabou de falar, quem é que está se opondo a isso?

Presidente: Olha, eu vou lhe dizer uma coisa, eu vou dar um exemplo agora. Se você ler alguns colunistas que escrevem, você vai perceber o seguinte: no fundo, no fundo, eu sentia que as pessoas estavam torcendo para que a crise americana afetasse o Brasil. Porque em política você tem o governo, que tem que governar...



Jornalista: Jogando contra.

Presidente: ...e você tem um determinado tipo de gente que trabalha contra, porque ele percebe que a única chance dele é o governo dar errado quando, na verdade, todos deveriam pensar para frente, pensar de forma positiva.

Jornalista: Mas quem são, quem seriam?

Presidente: Não me pergunte porque vocês sabem quem são. Isso está estampado em discursos, em manchetes. Quando eu criei a desoneração do imposto...

Jornalista: É o “Cansei”?

Presidente: Não, isso nem me preocupa. Eu vou dizer uma coisa para você. Quando eu criei a política de desoneração do material da construção civil, qual foi uma das manchetes hilariantes que eu vi? “Lula contribui para favelização do Brasil”.

Jornalista: O senhor me permite só uma coisa...

Presidente: Quando eu criei o Bolsa Família, qual foi a manchete? “Lula faz assistencialismo”.

Jornalista: Mas o problema, nesse caso, Presidente, é porque o que se fala também é que o governo está fazendo esse projeto, que fala numa mesada, mas não tem caminho de saída para eles. Essa é só uma das políticas....



Presidente: O caminho de saída é o crescimento do País.

Jornalista: Ou seja, o Bolsa seria uma coisa temporária?

Presidente: É lógico que é temporária. É temporária enquanto tiver pobre abaixo da linha da pobreza. Mas qual é o caminho, a saída? O que vocês acham que significa o crédito consignado? Por que durante tantos anos nenhum economista neste País utilizou a palavra crédito consignado que nós colocamos e que permitiu que milhões de brasileiros, que nunca entraram num banco, tivessem acesso a crédito mais barato? Por que nós saímos de 300 e poucos bilhões de reais de crédito para quase 800 bilhões?

Então, o Bolsa Família é a primeira alavanca, é aquela máquina de oxigenação que a gente dá para a criança quando ela está com asma, é o primeiro suspiro dos mais miseráveis. Na hora em que a economia vai crescendo, essa gente vai saindo.

Jornalista: Vai saindo do Bolsa Família?

Presidente: Lógico, quando a gente sai de 2 bilhões de reais investidos no Pronaf e passa para 12 bilhões de reais, alguma coisa acontece. Quando a gente sai de 262 milhões de reais de crédito financiado pelo BNB para 6,5 bilhões de reais, alguma coisa vai acontecer neste País.

Jornalista: Então, a tendência é o Bolsa Família chegar ao final do governo com menos gente.

Presidente: A tendência é o Bolsa Família chegar ao final do governo com menos gente na medida em que vai diminuindo a pobreza, esse é o ideal.



Jornalista: Seria o indicador de sucesso do País.

Presidente: Lógico. Já aconteceu, porque os estatísticos da PNAD mostram que 8 milhões de pessoas já deixaram a pobreza, mostram que o crescimento do consumo no Nordeste é maior do que o crescimento chinês. Porque, veja, quando nós entramos no Nordeste comprando leite, é porque o mercado oferece, para o pequeno produtor, 30 centavos pelo litro de leite de vaca e 70 centavos pelo litro de leite de cabra, e nós pagamos 1 real pelo litro de leite de cabra e 70 centavos pelo litro de leite de vaca. As pessoas, que antes iam numa feira vender o seu leite, não conseguiam vendê-lo, o leite azedava e era jogado fora. Agora voltam para casa e, em troca do leite, compram uma galinha, compram um quilo de carne. É isso que vai fazer com que as pessoas vá se retirando do Bolsa Família, na medida em que o mercado de trabalho ofereça oportunidades.

Jornalista: Agora, o último perfil divulgado pelo ministro Patrus, lá no Ministério do Desenvolvimento Social, o perfil do Bolsa Família, tem um retrato interessante. Os números, 45 milhões, mostram que, no perfil do pobre brasileiro assistido pelo Bolsa Família, é um sucesso o acesso, são 50 reais que saem daqui e chegam – não estou falando que é o valor – mas 50 reais que saem daqui e chegam realmente na mão dele. Perfeito, é um sucesso, a renda ali assistida ao pobre. Porém, o entorno, entorno que eu digo, da vida dele, principalmente o saneamento e coleta de lixo, são esses os dois pontos, é precário. Eu acho que uma coisa que a sociedade tinha na cabeça, sobre o governo do PT, é que haveria algum movimento, em termos de saneamento, que fosse uma coisa, não apenas de investimento, o senhor sempre fala de investimento: “a Caixa, tantos bilhões”, mas um movimento de redenção mesmo, sanitária, uma coisa de investir em saneamento, porque muda tudo na



vida do pobre ele não ter o esgoto ali na porta. Não está faltando essa alavanca?

Presidente: Não. Você só pode fazer essa pergunta para mim se você fizer um estudo do que acontecia antes de eu chegar à Presidência da República, porque nós passamos anos sem liberar um centavo para saneamento básico. Então, pegue o período de 2003 até agora e pegue o PAC. O PAC tem 40 bilhões de reais para saneamento e urbanização de favelas, atacando, em primeiro lugar, as regiões metropolitanas do País, porque lá é que está concentrada a degradação da estrutura da sociedade brasileira.

Depois, no PAC Funasa, tem 4 bilhões de reais em que a gente vai atacar, vai levar água potável e vai levar esgotamento sanitário para 90% das comunidades indígenas, para 50% dos quilombolas legalizados neste País, e com 3 bilhões e pouco para atacar as cidades com menos de 50 mil habitantes, que têm maior índice de mortalidade infantil, maior índice de Doença de Chagas e maior índice de Malária. O que nós estamos fazendo, e tudo isso começa a desovar, com mais precisão, a partir de fevereiro, porque entre o acordo que nós fizemos, envolvendo governadores e prefeitos, e a liberação do dinheiro, a aprovação da licitação, eu acho que até fevereiro grande parte dessas obras estarão começando a acontecer. E, aí, nós queremos melhorar o País de verdade, porque nós achamos que quanto mais a gente investir em saneamento básico, mais a gente vai melhorar a saúde. O problema é que nós temos um estoque de deserdados muito grande no Brasil, porque não se cuidava disso. Um determinado tipo de político, no Brasil, não gosta de fazer saneamento básico, porque não dá para colocar o nome da tia numa manilha, não dá para fazer uma homenagem.

Jornalista: Mas, Presidente, o senhor recebeu o programa antigo, social, 3 milhões, hoje tem 11 milhões de pessoas no Bolsa Família. É um pulo



fantástico. Mas, no caso dos números, independente dessa explanação que o senhor fez do PAC, no caso dos números de saneamento, a cada Pnad que sai, se move muito precariamente.

Presidente: Eu sei, mas é por isso que nós criamos o PAC. Eu vou lhe contar o que acontecia no Brasil, não precisa nem sair na matéria, só para você saber. O que acontecia no Brasil? No Brasil, o governo anunciava 5 bilhões de reais para saneamento básico e, então, as prefeituras entravam com projetos para ter o saneamento básico. Aí tinha uma coisa chamada “fila burra”. O que era fila burra? Entrava o prefeito de Osasco, sem direito, porque não tinha projeto, e entrava o prefeito de Carapicuíba com projeto. O que fazia o Tesouro? Aquele que não tinha direito ficava na fila fechando os outros, para não liberar o dinheiro.

O que nós fizemos? Levou dois anos para a gente acabar com a fila burra. Depois, você descobria que os prefeitos davam entrada e não tinham projeto. Então, você disponibilizava o dinheiro, mas não tinha projeto. Depois nós descobrimos que ele tinha projeto mas não tinha licenciamento prévio do Ibama. Então, você disponibilizava o dinheiro e nada acontecia. É por isso que nós anunciamos o PAC, em janeiro de 2007. Eu pedi para a ministra Dilma Rousseff construir o PAC com os governadores e com os prefeitos.

Então, para a gente não dar o dinheiro para o governador e o governador dar só para os prefeitos dele, o que nós fizemos? Aqui, do governo federal, nós fizemos um mapa dos principais lugares que precisavam de saneamento básico, chamamos os governadores, chamamos os prefeitos das cidades que iam ser envolvidas e, junto com eles, construímos. O que a gente exigia? A gente exigia o projeto básico e exigia o licenciamento. Isso levou seis meses para a gente fazer.

Agora, o que nós descobrimos? É que quase todos os municípios estão com uma dívida em algum órgão do governo federal e, portanto, não podem



pegar o dinheiro. Então, o que nós decidimos? Não é possível, o PAC tem que ser uma coisa à parte da relação normal do Estado, entre os seus entes federativos. Então, o que nós fizemos? Nós vamos criar um canal específico para que o dinheiro do PAC não seja truncado, porque senão será um desastre.

Tudo isso está sendo pensando. E eu acho que, depois de tudo isso resolvido, nós, então, vamos entrar num processo, e é um sonho que eu tenho, de a partir de fevereiro do ano que vem ver uma quantidade de máquinas trabalhando nas estradas, trabalhando nos portos, trabalhando nos aeroportos, trabalhando nas favelas, trabalhando não sei onde. Porque o dinheiro é muito.

Jornalista: Esses projetos de saneamento vão atingir quantos milhões de pessoas? Acho que são 20 milhões de pessoas.

Presidente: Acho que são 25 milhões de pessoas.

Jornalista: Presidente, o Franklin fica me mandando bilhetinho aqui, tem muito assunto importante ainda. Não estamos querendo lhe interromper, mas tem muito assunto importante que esta entrevista não pode deixar de tocar. Só lembrando que nós estamos com 25 minutos, a gente vai ter 1 hora e meia de entrevista. Não, uma hora e 15 minutos.

Presidente: Vamos lá. Vamos rapidinho agora.

Jornalista: O senhor, em alguns momentos, vê o erro como uma coisa natural, o erro como parte do processo de aprendizado da sociedade, e até no ambiente político. Por outro lado, o senhor, no início da crise aérea, cobrou, principalmente, rapidez e urgência nas resoluções. Meses depois a gente assistiu ao que aconteceu, uma questão de infra-estrutura, um questionamento



se a Infraero tinha investido no lado certo do aeroporto e até no funcionamento das agências, da Anac. Qual a sua visão de hoje?

Presidente: Vamos ter em conta o seguinte: outro dia saiu uma manchete no jornal, não sei porque um deputado falou que eu tinha dito que não sabia da crise aérea. Porque, na verdade, o que eu disse foi o seguinte: antes do acidente do Legacy com a Gol, ninguém falava em crise aérea neste País. Eu fui candidato 3 vezes, fiz 500 entrevistas com você. Você nunca me perguntou de aeroporto, porque não era um problema.

Quando eu ganhei as eleições, qual era o assunto? Era melhorar a qualidade de vida dos passageiros nos aeroportos. Por isso nós investimos em todos os aeroportos, para fazer *finger*, para fazer estacionamento, que era a demanda da época, por causa do crescimento do turismo. Depois – você não precisa escrever tudo o que estou dizendo não, porque é apenas para fotografar a situação – quando aconteceu o acidente entre a Gol e o Legacy, bem, a primeira acusação foi de que tinha um buraco negro na Amazônia. A primeira resposta da Aeronáutica foi de que não tinha buraco negro na Amazônia e que tinha sido um erro dos controladores. A partir daí, começou o dilema dos aeroportos.

Nós vivemos, aí, 10 meses de martírio, com greve no aeroporto, algumas coisas, às vezes, me cheiravam de uma má-fé desgramada, com aeroporto apagando a luz, ou seja, com manutenção que não estava sendo feita. Então, nós fomos descobrindo que tinha problemas nos aeroportos. E descobrimos mais: que as empresas estavam muito açodadas na sua gana de ganhar dinheiro. O que é isso?

Jornalista: Mas sem alguém que fosse ali botar um...



Presidente: Não, a sociedade brasileira queria a Anac. A Anac era uma reivindicação histórica. Ou não queria? Era um desejo. Não tinha um sindicalista com quem eu conversasse que não dissesse que era preciso a Anac. Foi construída a Anac e, obviamente, uma agência leva tempo para se construir e para tomar pé. E a agência tomou pé no momento em que teve a crise aérea.

Pois bem, até que nós chegamos ao acidente em Congonhas. Qual foi a ordem que eu dei ao ministro Nelson Jobim? Nelson, é o seguinte: você tem carta branca para fazer o que tiver que fazer. Nós precisamos resolver definitivamente, a começar pelo comportamento das empresas.

Às vezes, o noticiário aparecia lá, a Tânia escrevia: “A Infraero comunica que o vôo está atrasado”. Só que não estava comunicado que aquele avião tinha trazido passageiros de Pernambuco para Brasília e que, quando chegou aqui, não tinha tripulação. Na medida em que as empresas estavam utilizando os seus aviões num potencial de 14 horas por dia, qualquer falha era um efeito dominó. E algumas empresas, eu digo isso porque passageiros me telefonavam, colocavam comandantes para falar que era culpa dos controladores quando, na verdade, os controladores não tinham nada a ver com aquilo. Esses dias eu recebi uma denúncia de um cara que saiu de Curitiba para Maringá. Chegou em Maringá, simplesmente a tripulação desceu do avião e foi embora para o hotel, quando poderia não ter saído.

Jornalista: Mas quem devia fiscalizar era a Anac, não era?

Presidente: Era a Anac. Agora, eu aprendo sempre uma coisa: muitas vezes cachorro de muito dono morre de fome, porque sempre tem um pensando que o outro está fazendo. Qual é a estrutura que nós temos no aeroporto? Nós temos no aeroporto as empresas, nós temos no aeroporto a Infraero, nós temos no aeroporto a Anac. Num dos momentos da crise, eu chamei aqui o



pessoal e disse o seguinte: Oh, meu Deus do céu, por que vocês não colocam em cada balcão, de cada empresa, um telão, e o passageiro, em vez de ficar brigando com a menina, o passageiro vai ver lá o seguinte: “A TAM comunica, a Gol comunica, a BRA comunica que o vôo 364, que vinha de Campo Grande para cá, está atrasado uma hora”. Se a empresa não fizer isso, a Anac, lá no aeroporto, tem que fazer, a Infraero tem que fazer. Ou seja, isso foi uma determinação, que era para dar ao passageiro a noção exata das coisas que estavam acontecendo, porque o pior de tudo é que ninguém dizia o que estava acontecendo.

Bem, a Anac teve as dificuldades de uma agência recém-criada e eu dei ordem ao Nelson Jobim de que tem que mudar o que tiver que mudar, que não tem mais meio termo nisso. Nós cansamos, pagamos um preço, e agora é preciso consertar.

Jornalista: O senhor acha que é preciso mudar a lei das agências reguladoras?

Presidente: O Nelson Jobim vai me apresentar a proposta. É preciso fazer o que tiver que fazer, não tem mais temporização.

Jornalista: Só em relação às agências, pegando o exemplo da Anac: qual é exatamente o parâmetro com que elas devem trabalhar, porque está até hoje essa discussão de independência e não se pode fazer nada, não pode demitir?

Presidente: O padrão da agência é o seguinte: a Agência regula, quem define a política pública é o governo.

Jornalista: Mas deve haver um mecanismo que permita algum controle sobre a direção, sem ser o fato dos mandatos...



Presidente: O governo determina a política e a Agência implanta.

Jornalista: Pensar mais no usuário, não é, Presidente?

Presidente: Se a agência cumprir com a sua função de defender quem utiliza o serviço público, de garantir o preço mais justo, de fazer funcionar, cumpriu a tarefa.

Jornalista: Mas parece que olhou mais para os negócios das operadoras do que para os passageiros, não é, Presidente?

Presidente: É, mas tem muitas agências que funcionam bem. Tudo isso nós vamos ver. Por isso o Nelson Jobim tem carta branca para fazer o que tiver que ser feito.

Jornalista: Neste momento, presidente, o caso específico da Denise Abreu, o senhor comenta o caso dela, o senhor conversou com o ministro Jobim sobre isso?

Presidente: Eu não posso comentar o caso dela e nem o caso de ninguém, gente, porque não fica bem o Presidente ficar nominando as pessoas. Tem uma deficiência, já provada e comprovada por tudo o que aconteceu, e nós vamos ter que fazer as mudanças que tiverem que ser feitas.

Jornalista: Presidente, o senhor falou agora, no início da nossa entrevista, o senhor disse que quando alguém... o senhor não tem essa coisa do insubstituível, é pernicioso ter alguém numa estrutura que se considera como tal. E o senhor disse que alguém, num Estado, que se considera



imprescindível, é o protótipo, é a gênese do ditadorzinho. A gente vem assistindo, na América Latina, o presidente Hugo Chávez, na Venezuela, que começou fazendo mudanças dentro de uma regra institucional, e foi fazendo, só que agora está dizendo que quer a reeleição *ad eternum*, indefinidamente. O senhor acha que isso é um protótipo de ditadorzinho, esse tipo de atitude do Hugo Chávez?

Presidente: Eu não julgo o comportamento de outros países.

Jornalista: Não, a medida.

Presidente: O Chávez está propondo uma mudança na Constituição.

Jornalista: Para que ele possa ficar eternamente sendo eleito e reeleito.

Presidente: Mas ele está propondo uma mudança na Constituição, se tiver maioria para fazer... Eu não peço, porque eu sou adepto da alternância de poder. Eu acho que 8 anos são suficientes para que eu faça aquilo que eu acredito que é possível fazer. Outro virá e fará mais.

Jornalista: Presidente, vou fazer a pergunta de outro jeito, então, a não alternância de poder não atenta contra a democracia? Algum padrão do que a gente define como democracia tem que ter. A falta de alternância não atenta contra a democracia?

Presidente: Sabe o que é grave? Eu sei o que você quer perguntar e você sabe o que eu quero responder.

Jornalista: Não, Presidente, é uma pergunta extremamente séria e objetiva.



Presidente: Eu sei, mas a minha resposta é séria e objetiva, ou seja, cada país determina a lógica da sua vida política interna. Eu só quero falar por mim.

Jornalista: O senhor reafirma aqui?

Presidente: Eu reafirmo que a alternância de poder é uma exigência extraordinária para o exercício da democracia.

Jornalista: Então, o senhor repudia esses comentários de que o senhor pensa no terceiro mandato, com essa convocação de uma Assembléia Constituinte exclusiva?

Presidente: Repudio, não, quem fala isso é mentiroso, tem má-fé, não só porque eu não acredito nisso e não quero isso, como porque sou contra isso.

Jornalista: Nem com uma feitiçaria do povo, pedindo para o senhor ficar?

Presidente: Não tem essa do povo pedir. Meu mandato termina no dia 31 de dezembro de 2010, aí agradeço ao povo brasileiro o carinho que tiveram comigo e passo a faixa para outro presidente da República, no dia 1º de janeiro de 2011, e vou fazer o meu coelhinho assado, que faz cinco anos que não faço.

Jornalista: Os dois maiores projetos do presidente Chávez, aqui no continente, são o gasoduto, que seria aqui, o gasoduto do sul, e o Banco do Sul. Eu tenho reparado pelo governo, quer dizer, nenhum dos dois projetos interessam muito ao Brasil.



Presidente: Interessa, o gasoduto interessa.

Jornalista: Interessa? E o Banco do Sul?

Presidente: Tem mais de 50 técnicos da Petrobras discutindo com a PDVSA, para a gente ver a viabilidade econômica, a viabilidade ambiental, porque se ficar comprovada toda a reserva de gás daquela faixa de Orinoco, nós temos um potencial extraordinário para desenvolver a América do Sul. Então, interessa isso, estamos trabalhando juntos. O Banco do Sul também nos interessa. Agora, o que nós fizemos? É o Banco do Sul que tem que definir primeiro qual é a característica dele. E aí nós fizemos, a pedido do presidente do Equador, nós fizemos uma reunião dos ministros da Fazenda, o Guido Mantega participou, em que redirecionaram a discussão do Banco do Sul para ser um banco realmente de investimento na América do Sul. Nós já temos a CAF, que funciona bem. Então, o pessoal está discutindo. Mas não somos contra, *a priori*. O que nós precisamos é criar um banco que possa ajudar no desenvolvimento da América do Sul, no financiamento de obras.

Jornalista: O senhor acha, avalia, que perdemos espaços na política da América Latina para Argentina e Venezuela, como é que o senhor sente isso?

Presidente: Não, primeiro nós construímos uma política na América do Sul, que eu acho que é a mais consolidada de toda a história das nossas relações. A Argentina tem um papel importante na sua relação com o Brasil, não existe disputa com a Argentina, ou seja, nós entendemos que juntos somos mais fortes. Não existe disputa com a Venezuela. O Brasil tem 4 bilhões de investimentos na Venezuela, o Brasil tem interesse em fazer parcerias com a Petrobras e com a PDVSA. Então, o nosso problema é fazer as economias desses países crescerem, porque quanto mais forte for, mais chance a gente



tem. Nós estamos muito bem relacionados na América do Sul, temos e tivemos esses problemas com a Bolívia, o que é natural. O Brasil, como a maior economia, tem que estar sempre sendo mais generoso com a Bolívia, com o Paraguai e com o Uruguai, porque são países menores que precisam ter oportunidades de crescimento, porque senão crescem somente as economias grandes e não nos interessa ser economias grandes com ilhas de pobreza ao nosso lado. Eu acho que está bem a política da América do Sul e vamos melhorar mais ainda.

Jornalista: Presidente, na sua visão, como harmonizar a política externa na América do Sul com a aliança que surge aí, forte, com os Estados Unidos no interesse pelo biodiesel e pelo etanol?

Presidente: Primeiro, a maioria dos países da América Sul e da América Latina está atenta à experiência dos biocombustíveis. Ou seja, o biocombustível, quando foi pensado, não foi pensado só para o Brasil, ele foi pensado para o continente africano, ele foi pensado para a América Latina. É uma forma dos países mais pobres não ficarem dependentes do petróleo e criar alternativas que possam gerar empregos e possam gerar produtos de exportação para os países mais ricos.

Jornalista: Agora, quem quer é o Brasil, que tem o potencial. Mas um país pequeno, sei lá, a Bolívia...

Presidente: Não, todos têm. Pega a Nicarágua, pega San Salvador, pega Costa Rica, que são pequenos, todos eles têm potencial de exportar biodiesel e etanol para os Estados Unidos. Agora, se você pergunta para mim: “Bom, é correto os Estados Unidos produzirem etanol do milho?” Eu não gostaria que fosse do milho, eu gostaria que o milho ficasse para as nossas galinhas



comerem e gostaria que os Estados Unidos comprassem álcool dos países mais pobres, para que eles pudessem se desenvolver. Eu acho que a política do biodiesel é inexorável. Não sei se vou estar vivo...

Jornalista: Mas a Venezuela pode ser uma pedra no sapato?

Presidente: Não, pelo contrário, a Venezuela está comprando três navios de etanol do Brasil para misturar na sua gasolina. Obviamente que a Venezuela, como é um país que produz 3 milhões de barris/dia e consome só 15%, não tem a mesma necessidade que têm os países que não têm petróleo.

Jornalista: Mas, por que o presidente Chávez fica vocalizando aquele discurso de temor de que falte alimento?

Presidente: Mas não é totalmente errado as pessoas terem uma preocupação com a disputa de alimentos, não é de todo errado. Nós temos que levar em conta que, obviamente, para um país como o México, o aumento do preço do milho cria um problema certo, porque o povo come muito tortilla, não é o caso do Brasil. Mas nós temos que levar em conta que a política de biocombustíveis não pode ser conflitante com a política de alimentos, que é a principal energia de que a humanidade precisa. Sem ela nós não teremos forças nem para pisar no acelerador do carro.

Jornalista: Vamos falar um pouquinho de energia, Ibama e Amazonas?

Presidente: Uns cinco minutos?

Jornalista: Isso.



Presidente: Não, gente, é que eu tenho uma conversa ainda muito séria.

Jornalista: Presidente, deixa, então, eu lhe fazer uma: eu queria que o senhor dissesse qual foi o seu grande – olhando, agora, esses cinco anos, quatro anos – qual foi o seu grande acerto? Se o senhor tivesse que dizer assim – só um bate-pronto aqui, rapidinho – o seu grande acerto e o seu grande erro? Quando eu digo “seu”, eu digo do governo. O grande acerto e o grande erro.

Presidente: Deixa eu dizer para vocês: eu preferiria que vocês dissessem o acerto. O nosso grande acerto é a economia brasileira. Eu duvido que, em algum momento da história, algum analista econômico imaginasse que, em quatro anos, nós fôssemos ter 160 bilhões de dólares de reserva. Eu duvido. Quando nós começamos a fazer a nossa política externa, de nos voltarmos para a América Latina, para a África e para o Oriente Médio, nós cansamos de receber críticas. Entretanto, nós tínhamos um caminho certo: mudar a geografia econômica mundial para que o Brasil não ficasse dependente de um único país, diversificar a nossa relação comercial para que a gente pudesse não sofrer um baque com uma crise em qualquer país. E o resultado está aí. Embora a nossa exportação continue crescendo 20% para os Estados Unidos e 20% para a Europa, ela cresceu 100% para a África, cresceu 70% para o Oriente Médio e cresceu 50% para a América Latina. Então, o Brasil hoje não depende mais de um único parceiro.

Jornalista: Em que medida o senhor considera esse seu grande mérito, se boa parte da estrutura da macroeconomia, da forma como ela foi montada, vem do governo passado, do FHC, e em que sentido o senhor diz...

Presidente: Eu não sei, isso é você quem diz. Se eu tivesse continuado com a política, o País tinha quebrado.



Jornalista: Mas em que sentido mudou, na essência macroeconômica?

Presidente: Mudou tudo. Mudou a nossa relação internacional...

Jornalista: Não, mas na economia? Qual foi o ponto de virada em relação ao que existia...

Presidente: O ajuste fiscal que nós fizemos em 2003, você acha que não contou nada para a gente poder garantir a economia? A nossa política de crédito, a nossa política de transferência de renda, a política de inovação tecnológica, a quantidade de desoneração que nós fizemos, não mudou nada neste País?

Jornalista: Isso eu sei, eu estou provocando o senhor.

Presidente: Não precisa provocar. É preciso analisar o seguinte: o que eu quero dizer para vocês é que os fatos vão comprovando as coisas. Eu digo para vocês o seguinte: talvez eu seja o presidente, hoje, mais tranquilo que já passou pela República brasileira.

Jornalista: Então, o senhor não quer falar do seu erro, mas...

Presidente: Acho que nenhum presidente da República, que governou este País desde que foi proclamada a República, tem a tranquilidade que eu tenho hoje. O Brasil está sólido economicamente, está ficando sólido socialmente, está respeitado internacionalmente como nunca esteve, tem possibilidade de crescimento extraordinário, vamos implantar a TV digital e, se Deus quiser, logo, logo, vamos ter a fábrica de semicondutores, o biodiesel é uma revolução



energética neste mundo. Então, está tudo para acontecer e eu estou muito tranquilo.

Jornalista: Mas, qual é a sua frustração? A frustração no sentido de que o senhor queria fazer alguma coisa que não foi feita.

Presidente: A minha frustração é não ter feito mais do que eu já fiz. Essa é a minha frustração.

Jornalista: Em que campo?

Presidente: Em todas as áreas. Eu gostaria de ter feito mais, o dobro do que eu fiz.

Jornalista: O senhor está fugindo da pergunta.

Presidente: Não, é que eu gostaria de ter feito mais.

Jornalista: Mas tem alguma coisa que o senhor no governo não gostou?

Presidente: Depende. Se o ser humano gosta de dormir até o meio-dia, ele tem menos chance de fazer do que um cara que se levanta às 6 horas da manhã. É verdade, todo mundo gostaria, mas tem alguns que fazem mais sacrifícios do que outros. Um atleta, para ganhar uma medalha olímpica, não basta ser atleta. Ele tem que treinar 8 horas por dia durante a vida inteira. Se deixar de treinar, perde. Então, eu sei o que nós já fizemos e sei aonde nós queremos ir. E vamos.



Jornalista: Deixe-me pegar a economia que o senhor falou de engrandecer. O senhor disse há pouco, lá atrás, a farra do boi. É preciso não começar pensando em farra do boi. Tem alguém ainda ciscando nessa área?

Presidente: Sempre há. O que não falta é gente querendo que a gente gaste, e nós vamos gastar apenas aquilo que é essencial. Eu aprendi assim na minha vida, a minha vida é assim. Eu trabalhava com um monte de companheiros, tinha companheiro que recebia o pagamento e, no dia do pagamento, ia para a mesa de sinuca e perdia o pagamento. Eu levava o meu para casa, me sentava com a dona Marisa e falava: “o que nós vamos pagar, o que nós vamos comprar?”

Jornalista: Grande achado esse Meirelles, do Banco Central, não é?

Presidente: Foi. Tanto é que ele está aí há quatro anos e meio.

Jornalista: O senhor até hoje não disse quem traiu o senhor.

Presidente: Nem vou dizer, querida.

Jornalista: Por quê?

Presidente: Não vou dizer porque não é necessário. Eu acho que o PT não merecia passar pelo que passou. Agora, isso faz parte da história contemporânea do País, não faz parte do passado. O tempo vai se encarregar de dizer se eu estou certo de estar frustrado ou não, se as pessoas cometeram erros ou não. Eu só quero dizer para vocês uma coisa: eu tenho humildade para pedir desculpas se algum companheiro que eu prejudiquei for inocente. Humildemente eu pediria desculpas. Eu quero ver se todos que acusaram com



leviandade terão coragem de pedir desculpas. Eu pedirei desculpas se eu tiver cometido alguma injustiça. É muito duro quando você tem que julgar um companheiro, ter que afastar um companheiro porque houve uma denúncia. E se aquele companheiro for inocente? Então, se o companheiro é inocente, você cometeu uma injustiça.